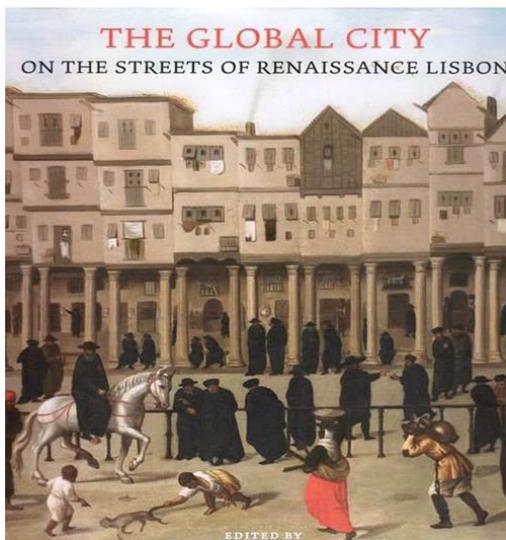




Newsletter

Academia de Marinha

Sessão Solene Entrega do prémio “Almirante Teixeira da Mota”/2016



Em 24 de Janeiro, teve lugar a cerimónia de entrega do Prémio “Almirante Teixeira da Mota”/2016, e a apresentação da obra premiada, *The Global City - On the Streets of Renaissance Lisbon*, pelas coordenadoras, Professoras Annemarie Jordan Gschwend e Kate Lowe.

Após agradecer a presença do Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, o Presidente da Academia, Almirante Vidal Abreu salientou que “o patrono deste prémio – Almirante Teixeira da Mota – foi um insigne oficial da Armada, denodado investigador da história e ciências marítimas, tendo prestado altos serviços à Marinha e à Nação e alcançado visível notoriedade além-fronteiras nos referidos campos de investigação,

designadamente nas áreas de navegação, cartografia e etnografia”.

Relativamente ao prémio “Almirante Teixeira da Mota” de âmbito internacional e atribuído nos anos pares, o Presidente lembrou que se destina a incentivar e a dinamizar a pesquisa e a investigação científica na área das Artes, Letras e Ciências ligadas ao Mar e às Marinhas, podendo a ele concorrerem cidadãos nacionais e estrangeiros que apresentem trabalhos originais nos referidos domínios.



Sessão Solene Entrega do prémio “Almirante Teixeira da Mota”/2016



Agradeceu aos membros do júri do prémio o apoio dado à Academia de Marinha, pelo trabalho de análise e avaliação das 22 obras concorrentes. Para além do prémio já referido, foram atribuídas menções honrosas às obras *A baleação e o Estado Novo. Industrialização e Organização Corporativa (1937-1958)*, da autoria de Francisco Maia Pereira Henriques e *Políticas Régias de Logística Naval (1481-1640)*, da autoria de Liliana Cristina Magalhães Oliveira.

Após a cerimónia de entrega dos diplomas, as autoras da obra premiada destacaram que a Renascença em Lisboa resultou do sucesso mundial do império comercial marítimo de Portugal, que se estendia da África Ocidental e do Brasil até à Índia Portuguesa e ao Sul da China, provocando um afluência de bens e povos estrangeiros na Lisboa metropolitana sem precedentes num país europeu antes desta época. Este império comercial marítimo criou um forte impacto na produção, no transporte, na distribuição e no consumo de cargas exóticas em toda a Europa.



Sessão Cultural

“As origens da expansão viking e da expansão portuguesa. Um estudo comparado”



Em 10 de janeiro teve lugar a primeira sessão cultural de 2017, com a apresentação da comunicação “As origens da expansão viking e da expansão portuguesa. Um estudo comparado”, pelo Académico **João Paulo Oliveira e Costa**.

O orador lembrou que, no final do século VIII, grupos saídos da costa da atual Noruega começaram a explorar o oceano. Primeiro procuraram terras habitadas a sul e pilharam-nas, intensificaram incursões e estenderam-se até ao Mediterrâneo. Entretanto, surgiram colónias de nórdicos nas ilhas britânicas e depois na própria costa continental. Enquanto prosseguiram os confrontos com as populações do Sul, outros grupos de nórdicos exploravam sistematicamente o Mar do Norte, colonizando as ilhas Faroé, a Islândia e a Groelândia, tendo alcançado territórios do continente americano. A expansão marítima dos nórdicos criou novas redes de comércio marítimo que se articularam com as rotas

preexistentes a sul e muito contribuíram para o fortalecimento da Hansa. Com a conversão ao Cristianismo, a experiência viking sofreu mudanças de hábitos culturais. Os descendentes dos nórdicos que dominavam a Inglaterra, em 1066 já falavam francês e eram cristãos. O comércio ultramarino inovador tinha sido absorvido pelos mercadores do centro da costa europeia, e em Bergen, o património histórico da cidade lembra a colónia da Liga Hanseática que aí existiu durante séculos.

No final da sua interessante exposição, o orador salientou que a saga dos vikings assentou numa série de premissas que provocaram: uma súbita expansão para fora do seu território, um crescimento demográfico gerador de uma crise social e de grupos insatisfeitos, avanços na navegação astronómica e a criação de um novo navio. Uma história que se repetiu seis séculos mais tarde com um outro povo do extremo ocidental europeu, os Portugueses.



Sessão Cultural

“Corveta dos anos 70. Navio de transição” e “Da Afonso Cerqueira para a Corte Real”



Em sessão cultural de 17 de janeiro foram apresentadas as comunicações “Corveta dos anos 70. Navio de transição” e “Da Afonso Cerqueira para a Corte Real”, pelos Académicos **António Balcão Reis** e **Henrique Alexandre da Fonseca**, respetivamente.

O almirante Balcão Reis lembrou na sua apresentação a realidade naval aquando do lançamento do projeto das corvetas. Fez uma análise do que chamou de “um programa, uma plataforma, duas séries”, caracterizando e diferenciando a 1.ª série, corvetas classe *João Coutinho*, da 2.ª série, corvetas classe *Baptista de Andrade*. Considerou que o título de navio de transição se justifica, enquanto aplicado às corvetas “Baptista de Andrade”, primeiros navios da Marinha Portuguesa da era do digital, que sofreram inovações de grande relevância nas áreas do tratamento dos sobressalentes, na manutenção dos equipamentos e especificadamente na preparação do pessoal. Terminou a sua comunicação com uma breve homenagem à excelência do projeto, que deu à Marinha e ao País um conjunto de navios que tem vindo a prestar os mais assinaláveis serviços ao longo de quase meio século.

O almirante Alexandre da Fonseca abordou alguns aspetos do comando no mar e da sua especificidade. A seleção para o comando em diversas marinhas e entre nós, a preparação dos futuros comandantes. Por fim salientou que a preparação dos primeiros comandantes das Fragatas classe *Vasco da Gama* passava pelo comando de uma corveta da 2ª série, como uma espécie de pré-requisito.



Sessão Cultural

“Os Cartazes: documentos de viagem nos mares da Ásia”



Em 31 de janeiro foi apresentada a comunicação “Os Cartazes: documentos de viagem nos mares da Ásia”, pelo Académico **João de Deus Ramos**.

O Vice-Presidente da Classe de História Marítima iniciou a sua apresentação salientando que quando os Portugueses chegaram aos mares da Ásia Oriental, em finais do séc. XV, encontraram uma rede de comércio marítimo apoiada numa estrutura política pré-existente de estados asiáticos. Portugal soube não só inserir-se nessa rede pré-existente, mas sobretudo moldá-la aos seus desígnios através de uma clara afirmação de poder político, económico e técnico-militar. Neste contexto, logo a partir dos começos do séc. XVI, é introduzido o sistema dos *Cartazes*, gerador de significativas receitas fiscais para as autoridades portuguesas. O *Cartaz* era um documento de viagem ou salvo-conduto dado a mercadores de nacionalidades com as quais Portugal mantinha relações. Este sistema funcionou até à segunda metade do séc. XIX, ou seja, durante mais de três séculos e meio, o que atesta a sua eficácia no enquadramento político-jurídico ao longo deste período. O sistema dos *Cartazes* foi adaptado – não inventado - pelos portugueses vindo efetivamente ao encontro de interesses comerciais variados e dinâmicos e que foram exponenciados pela chegada dos Portugueses e de outros ocidentais. Decorre naturalmente da eficácia do sistema a sua adoção por outros países asiáticos, e assim aos documentos de viagem semelhantes aos nossos *Cartazes* deram os Chineses e Japoneses diferentes designações, e outros povos porventura também. Será certamente interessante uma abordagem comparativa no que toca às circunstâncias e características próprias de todas as entidades emitentes deste tipo de documento de viagem como passaporte para navios, nos mares asiáticos: o que está na sua génese, as condições em que o sistema se desenvolveu e prosperou, que tipo de interações teve com os outros sistemas congéneres, a cronologia e as razões subjacentes ao seu declínio e desaparecimento. Só assim se poderá ter uma visão mais completa e integrada do sistema dos *Cartazes* utilizados pelas autoridades portuguesas, num espaço geográfico alargado e num período longo; e uma visão mais verdadeira da presença portuguesa na Ásia e do contributo para a criação de um mundo cada vez mais global.



Fevereiro

À terça-feira, na Academia de Marinha, às 17h30, salvo indicação em contrário

Dia 1- Quarta-Feira

15:00 horas – NA TORRE DO TOMBO

SESSÃO CULTURAL CONJUNTA (AM, APH, ACL e DGLAB)

“COMEMORAÇÃO DOS 700 ANOS DO DIPLOMA RÉGIO EM QUE D. DINIS OUTORGOU O TÍTULO DE ALMIRANTE A MANUEL PESSANHA”

Dia 7

CENTENÁRIO DA EXPOSIÇÃO DE AMADEO DE SOUZA-CARDOSO NA LIGA NAVAL PORTUGUESA-1916

“Evocação da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso na Liga Naval Portuguesa – 1916”

Académico Fernando David e Silva

Dr.ª. Marta Almeida Soares

Dia 14

“O Mar das Molucas no século XVI: navegação, pirataria e pilhagens”

Prof. Doutor Manuel Leão Marques Lobato

Dia 21

“O projeto de requalificação da sala dos descobrimentos no Museu de Marinha”

Académico Bruno Gonçalves Neves

BIBLIOTECA TEIXEIRA DA MOTA

Edições 2016 da Academia de Marinha

